Artefactum
Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia

CORPOS EM COMBATE: SENTIDOS DO (NO) CORPO EM UM DEBATE PRESIDENCIAL TELEVISIVO

Luciana C. G. Manzano
luciana.manzano@unifran.edu.br
http://lattes.cnpq.br/9059098295895752

RESUMO

Este artigo busca analisar os sentidos que irrompem a partir da exposição/visibilidade do corpo dos candidatos à Presidência da República no último debate televisivo da campanha político-eleitoral do ano de 2014, a fim de revelar como se constrói um cenário de luta corporal no qual figura o discurso político na atualidade. A partir das reflexões de Michel Foucault ([1986] 2000) e de Jean-Jacques Courtine (2009; 2013), observar-se-á o entrecruzamento do dizer com a gestualidade do corpo, que produz um discurso combativo e agressivo e, a partir da configuração televisiva, instaura e legitima saberes e verdades que passam a circular na sociedade.

Palavras-chave: corpo; discurso político; televisão

A motivação para a produção deste texto parte da observação de uma discursividade na qual predominou, durante a campanha eleitoral de 2014, um discurso agressivo de ódio e aversão que apagou a disputa político-partidária e recaiu sobre o corpo dos candidatos Aécio Neves e Dilma Roussef, os quais disputaram o segundo turno do pleito do ano supracitado. Esse discurso de ódio se moveu num ir e vir entre as *media* pelas quais o espetáculo político circulou neste ano, a saber: a televisão, a partir tanto dos programas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) quanto dos debates promovidos pelas redes de transmissão (além dos telejornais e das vinhetas exibidas ao longo da programação diária televisiva, nos termos da lei[1]); e as redes sociais, mais especificamente o Facebook e o Twitter. Ainda que as configurações de cada medium[2]

1 Lei 9.504/97 – art. 51

2 Belting (2004) utiliza a nomenclatura *médium* para referir-se ao meio de transmissão. Neste texto, priorizamos a ortografia *medium* (sem acentuação) normatizada no Brasil (portanto, sem necessidade de ser destacada em itálico), segundo o Dicionário Aurélio, para a definição de meio de transmissão de mensagem, para que não haja interpretações equivocadas, visto que a palavra grafada com acento (*médium*) é atribuída, no Brasil (também segundo o Dicionário Aurélio) ao portador de mediunidade, de acordo com a doutrina espírita.

produzam formas diferentes de dizer, seja unicamente verbal ou verbo-visual, com imagens estáticas ou em movimento, gravados previamente ou transmitidos ao vivo, os sentidos que circularam socialmente nesse entremeio encontravam, sempre, um modo de agressão. Parecia ser um mesmo dizer sob formas diferentes de circulação[3].

A partir dessa motivação, buscamos observar em que medida essa agressão se constituía pelo corpo dos candidatos, a partir dos gestos e expressões que acompanhavam seus pronunciamentos orais. Para observar melhor o corpo, fez-se necessário trabalhar com o formato do programa de debate televisivo, configurado de maneira a expor em maior grau o corpo do indivíduo político em sua totalidade e dinamismo (as tomadas de cena deixam ver o candidato em corpo inteiro e em movimento). Como objeto de análise deste trabalho, traremos a exibição do último debate televisivo do segundo turno, transmitido simultaneamente pela Rede Globo de Televisão e pelo *site* G1 no dia 24 de outubro, particularmente, o primeiro bloco do programa, quando os candidatos fazem perguntas e respondem diretamente um ao outro.

Corpo, discurso político, televisão e acontecimento

A irrupção do corpo como objeto de estudos das ciências humanas é, historicamente, recente. Courtine (2013) credita à obra de Michel Foucault grande parte desse interesse sobre a inserção do corpo no discurso das ciências humanas, porque ele observou, na longa duração do tempo histórico, como o poder e as coerções se inscreviam e se exerciam sobre o corpo humano, primeiramente, no interior das instituições prisionais[4] e, posteriormente, acompanhou as transformações dos micropoderes que passam a ser observados como técnicas e controle de si na relação com os prazeres e paixões do sujeito.

> O surgimento do corpo na história das mentalidades, a redescoberta da importância do controle de si no processo de civilização ontem elucidado por Norbert Elias, o acento colocado sobre os gestos, as

3 Os pronunciamentos dos programas do HGPE ecoavam nas redes sociais, atravessavam a produção dos telejornais e voltavam para os programas políticos.

4 FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 2004.

> maneiras, as sensibilidades, a intimidade e a emoção na pesquisa histórica atual trazem disso sem dúvida seu eco. Já que, para aqueles que se esforçam em elaborar uma história do corpo dos homens em sociedade, a dívida em relação ao projeto genealógico de Foucault, seja ela reconhecida ou aniquilada, reivindicada ou esquivada, permanece ordinariamente considerável (COURTINE, 2013, p. 17-18).

É também na esteira do trabalho de Foucault que Courtine percebe as movências e transformações do discurso político, que traz para o analista outros modos de observá-lo que não unicamente o linguístico. Para o autor (COURTINE, 2009b; 2013), o discurso político é mais que texto, é um "fragmento de história". De tal forma que a história, atravessando a palavra política, faz com que o texto deixe de ser simples unidade linguística. Há modos de produção, de circulação e de recepção do discurso político, observados a partir do século XX, que não são compreendidos unicamente pelo léxico e/ou pela sintaxe. Há toda uma prática discursiva que entrecruza verbo e imagem, corpo e gesto, voz e expressões faciais que demanda um tipo de análise pela qual não se separa a linguagem da imagem. Elas funcionam conjuntamente, construindo um enunciado sincrético e multicanal (sonoro e visual), que produz sentido enquanto tal.

Desse modo, a televisão se constitui como medium prioritário para a circulação desses enunciados sincréticos, dada a sua configuração multicanal que propicia a produção de práticas que imbricam verbo e imagem, além do som. E o corpo, inserido nesse medium, é o ponto de *ancoragem* do discurso político televisivo (COULOMB-GULLY, 2003), pois adquire uma visibilidade ampliada pelo enquadramento da câmera.

Antropologicamente, o surgimento da televisão é resultado do desenvolvimento tecnológico do século XX, junto com uma transformação na relação homem/imagem/mundo. A herança da era fotográfica propiciou a captação de um instante do *real* e estabilizou a convenção do efeito analógico da imagem com o *real*, a *representação da realidade*[5], na qual se substitui o *real* por *um* visual, *um* ideal de

---

5 No Brasil, o estatuto de notabilidade atribuído à televisão afetou, simultaneamente, os sujeitos que apareciam na tela. No início, criou-se, no imaginário social, uma relação de magia com o que se via na TV. Posteriormente, porém, a possibilidade de encontrar um artista de TV no supermercado ou num ponto de táxi – ou seja, a possibilidade de visualizar a mesma imagem da sala de TV num real cotidiano – foi

realidade que se traduz no visual, no qual se deixam reconhecer dogmas, crenças e pensamentos dos sujeitos em sociedade, que buscam se reconhecer enquanto sujeitos. Nesse processo, vê-se excluído o referente (o instante captado pela câmara – incluindo o(s) sujeito(s) e demais elementos – não está mais lá quando contemplo sua fotografia) em favor da referência: uma dada concepção de imagem que se torna socialmente legitimada como efeito de representação. O que se tem, então, é a própria imagem como referente; ela é a estrela do espetáculo, é o *acontecimento*, favorecido pela técnica de transmissão televisiva que goza do benefício da imediaticidade – a simultaneidade entre o tempo da transmissão e da recepção.

O acontecimento que se torna imagem na televisão também constrói um saber. O que é visualizado, segundo a configuração televisiva de transmissão, é difícil de refutar, porque simboliza a *evidência*. A imagem televisiva explica-se ao se tornar visual. Difunde um saber sobre o mundo. E o visual instaura o "ver" no lugar do "compreender"[6], autorizando o valor de legitimação discursiva pela imagem, que obedece a um regime de verdade próprio a cada época.

Ao mostrar imagens do cotidiano em movimento, a televisão fortalece a simbologia da representação do fluxo do presente e liberta o espectador do trabalho de *dar vida à imagem* – ela mesma se apresenta em vida. Isso permitiu que a produção de imagens televisivas pudesse se empenhar, cada vez mais, em sintetizar inúmeros discursos outros e fazê-los circular. Na representação do fluxo do presente, cujo auge se instaura na transmissão denominada *ao vivo*, a televisão acaba por instituir a *eternidade* do presente.

O visual emociona. Satisfaz. Valoriza. Entretém. O sujeito que se dá a ver na televisão passa a portar uma identidade pública, prestigiada sob o olhar social, independente de sua especificidade; o homem político, o âncora do jornal, o escritor ou o comediante são, dentro da TV, prestigiados e valorizados de igual maneira como sujeitos

---

transformando a relação do espectador com a imagem televisiva e reforçando o efeito de representação da realidade, erigido ao longo de sua história.

6 Comumente, circulam expressões como "estou vendo" com efeitos de sentido que expressam compreensão. Em inglês, a expressão *I see* pode ser, perfeitamente, traduzida como "eu entendo".

públicos, que *são* o que *mostram* na transmissão. Os sujeitos públicos são parte do espetáculo, porque também seduzem, entretêm e emocionam o espectador.

Isso faz com que a circulação dos discursos televisivos alcance mais eficazmente uma gama maior de grupos sociais. Democracia? Efeito. O que não se pode negar é que, no que tange à transmissão de campanha política, esse efeito alcança o eleitor médio, porque o dar a ver atua como um *dar a saber*, e a estratégia política se torna a exibição do melhor de um partido e/ou de um candidato; e no que tange às demais transmissões televisivas, o efeito alcança uma grande parcela social que se enquadra sob a classificação de espectador-padrão. Exibição, atração, entretenimento.

Ao mesmo tempo, a televisão pode funcionar como uma prótese da memória visual; uma memória pertencente a um domínio visual que armazena todos os "já vistos" televisivos, mas cujo controle não cabe ao sujeito espectador. É o responsável pela distribuição da imagem que controla a circulação desses "já vistos" do domínio visual, deixando ao espectador, unicamente, a experiência de um *dèjá vu*. Esse controle se dá, basicamente, pelas empresas responsáveis pelas transmissões televisivas[7], e é a partir desse ponto de vista institucional que circulam os *já vistos*.

Desse modo, aquilo que é dado a ver na televisão se torna, no momento de seu aparecimento, um *acontecimento político*, e a configuração unidirecional do medium não permite, por parte do espectador, qualquer intervenção. Os discursos que a TV, então, faz circular refletem o jogo das forças políticas em um dado momento histórico.

O debate político na televisão

Passemos, então, para a análise do material que anunciamos no início deste artigo. Trata-se do último debate presidencial do segundo turno, realizado pela Rede Globo de Televisão, no dia 24 de outubro de 2014, cujos candidatos participantes foram Aécio Neves e Dilma Rousseff.

---

7 A produção videográfica que alcança a internet sofre menos controle institucional, e o espectador ganha, com isso, maior controle sobre o domínio visual. Apesar disso, o vídeo ainda funciona como prótese de memória.

Logo no primeiro minuto da apresentação de como serão a configuração do programa e as regras do debate, o mediador do evento e jornalista da Rede Globo, William Bonner, profere oralmente os dizeres: "*Os eleitores aqui presentes participam de dois blocos do programa e* ***a novidade*** *que eu mencionei está nos outros dois blocos desse debate: o* ***confronto direto*** *entre os candidatos.*"

As expressões em destaque, além de chamar a atenção para a análise, são pronunciadas com entonações diferentes, com uma cadência mais acentuada, a partir do que se pode perceber sonoramente que o apresentador dá destaque à novidade do confronto. A entonação e a cadência são seguidas por um gesto da mão que aponta dois dedos para baixo e sobe e desce com a pronúncia das sílabas tônicas, como tentamos ilustrar na figura 1.

Figura 1: Gesto de Bonner ao pronunciar as sílabas tônicas das palavras em destaque. Fonte: Transmissão do portal *web* G1 – acesso em 04 jan 2015.

A configuração desse enunciado sincrético, que é dado a ver a partir do enquadramento da câmera sobre a bancada de apresentação do programa e traz, na figura do apresentador âncora do telejornal de mais visibilidade na programação da rede televisiva, a legitimação do *detentor/propagador* das regras que envolverão a *performance* dos candidatos, faz com que, ao pronunciar as expressões *novidade* do *confronto direto*, constitua-se o *acontecimento* nomeado "último debate entre os candidatos". Instaura-se, a partir de então, a temática que regerá a recepção desse programa: haverá um confronto.

Importante salientar que não faz parte do escopo deste trabalho trazer para a análise outras considerações que atestam a violência e a agressividade marcadas pela campanha presidencial de 2014 (prenunciadas desde junho de 2014 e repetidas sem cessar por inúmeros veículos de informação). Interessa-nos observar como esse discurso se instaura e funciona no (e pelo) corpo no debate em questão.

Feita a ressalva, observamos, na sequência do programa em análise, que os candidatos se posicionam para o início do primeiro bloco do debate, frente a frente, tendo como apoio uma mesma mesa circular, na qual cada um se apoia na extremidade oposta. Após o posicionamento dos candidatos, o apresentador passa a palavra ao candidato Aécio Neves, que deveria dirigir uma pergunta à candidata Dilma Rousseff, e que profere, primeiramente: "*Candidata, essa campanha vai passar para a história como a mais sórdida das campanhas eleitorais do nosso sistema democrático. A calunia, a infâmia, as acusações irresponsáveis foram feitas não só em relação a mim, com relação ao* ***Eduardo Campos, em relação à Marina, agora em relação a mim***[8]*. Isso é um péssimo exemplo.*"

Posteriormente, o candidato realiza a pergunta, e a candidata Dilma Rousseff inicia seu pronunciamento: *"Candidato, é fato que o senhor tem feito uma campanha extremamente agressiva a mim. Isso é reconhecido por todos os eleitores."*

Nos dois pronunciamentos, é possível observar que a construção oral/verbal dos candidatos busca projetar e constituir uma figura de sujeito vitimizado pela violência/agressividade do outro, dentro de um mesmo plano de acontecimento político: a campanha eleitoral.

No primeiro pronunciamento, a vitimização se dá por um *efeito de memória* (Cf. COURTINE, 2009a) que traz à tona a *virtualidade* do corpo de Eduardo Campos, morto em um acidente aéreo dias antes do início dos programas do HGPE, e alçado a grande figura política/humana, a partir de um disparador emocional: o efeito de sentido ligado à compaixão social pelo sujeito desaparecido tragicamente. Consequentemente, o efeito de memória tem continuidade com a referência à candidata Marina, substituta/sucessora da

8 O destaque já faz parte de nossa análise.

candidatura do falecido Eduardo Campos e, posteriormente, aliada à candidatura de Aécio Neves no segundo turno. Esse efeito de memória que perpassa a nomeação ordenada da pronúncia de Aécio ("Eduardo", "Marina", "a mim") coloca-o igualmente como merecedor da compaixão social pelas "calúnias e infâmias" sofridas.

No segundo pronunciamento, a vitimização se dá a partir de um dizer *sobre a verdade*: "é fato", somado ao apoio popular, cujos efeitos de sentido se apoiam em expressões cristalizadas socialmente, como "a voz do povo é a voz de Deus". Se todos os eleitores, que representam a sociedade brasileira, o povo, sabem e reconhecem a agressividade direcionada a Dilma Rousseff, legitima-se uma verdade incontestável.

Karnal (2011) afirma que, historicamente, na sociedade brasileira, a violência (e também o ódio) sempre está instaurada no outro, nunca em si mesmo. Ainda que tenhamos vivido frequentemente situações muito próximas a guerras civis, evita-se, no Brasil, denominar a violência; ela só tem sentido a partir do outro, só faz sentido *no outro*. Assim, foram-se cristalizando sentidos sobre a representação pacífica da brasilidade.

É desse modo que podemos observar a construção/constituição de sujeitos políticos pacíficos, *atingidos* pela violência do outro, dignos da compaixão social e da adesão eleitoral.

Paradoxalmente, o que a lente da câmera capta é uma postura e um gestual que se contrapõe ao dizer dos sujeitos políticos: cada candidato, a seu turno de fala, se projeta sobre a mesa de modo a (re)atualizar uma memória social que está relacionada a algum tipo de luta corporal. A figura 2 tenta ilustrar esse posicionamento corporal: na primeira imagem, é possível observar, à esquerda, a investida corporal do candidato Aécio com o pé direito à frente do corpo e as mãos que gesticulam, ao passo que o corpo da candidata Dilma Rousseff está apoiado sobre o pé de trás, aludindo a uma posição de defesa; e na segunda imagem, é possível observar o inverso: a candidata Dilma em investidura corporal e o candidato Aécio em posição defensiva.

Figura 2: posicionamento dos candidatos no palco do debate. Fonte: Transmissão do portal *web* G1: acesso em 04 jan 2015.

Courtine (2009b; 2013), observando o caráter icônico e discursivo da imagem, afirma que toda imagem está inscrita em uma cultura visual que supõe uma memória visual; assim, sempre haverá um "já lá" da imagem, um "já visto", que faz eco a essa imagem: trata-se de uma *intericonicidade*.

> Como articular estas imagens umas com as outras, como reconstituir estes vínculos que dão seu sentido aos ícones de uma cultura para os indivíduos que compartilham de sua memória? Pelo ajustamento, pela detecção no material significante da imagem, pelos indícios, pelos rastos que outras imagens ali depositaram, e pela reconstrução, a partir destes rastos, da genealogia das imagens de nossa cultura (COURTINE, 2013, p. 44).

É pela genealogia dos indícios das imagens que os sentidos se constroem historicamente em nossa cultura. No exemplo do material de análise, observar a postura e o gesto inscritos no corpo dos candidatos, traz indícios que ecoam em uma memória visual do combate corporal e/ou violento, como os enquadramentos cenográficos dos duelos de *cowboys* armados nos filmes de faroeste (combate mais violento que corporal, no sentido de que os corpos não se tocam, mas a bala fere o corpo do adversário) e os cenários de jogos de combates, como podemos observar na figura 3.

Figura 3: cenário de luta entre jogadores em um jogo de computador.

Fonte: *site* Baixaki (www.baixaki.com) – acesso em 04 jan 2015.

Ainda pelos indícios que são dados a ver a partir das tomadas de cena sobre o estúdio de exibição do debate, é possível perceber que se trata de uma *arena* circular, na qual os candidatos se movimentam e *duelam*, num plano inferior ao qual estão dispostas as cadeiras dos espectadores. Tais indícios (re)atualizam uma memória visual da cultura ocidental na qual se encontram inscritos os duelos de gladiadores no Coliseu em Roma: uma estrutura circular, com uma arena central inferior ao posicionamento dos espectadores e da realeza, que exibia lutas corporais armadas e violentas que só se encerravam com a morte de um dos combatentes. Entretenimento. Assim como o jogo de computador e a arte do cinema de faroeste.

Considerações finais

A formatação do cenário do debate televisivo, a condição de transmissão ao vivo e as regras de funcionamento do programa coagem o corpo do sujeito político e lhe impõe uma postura tal que favorecem uma luta corporal cordial: o verbo não diz o que o corpo dá a ver (o corpo sugere um sujeito lutador e o verbo instaura um sujeito frágil) e *vice-versa*. Assim, cria-se um acontecimento que se abrirá a novas discursividades e sustentará um regime de possibilidades enunciativas relacionadas à violência na campanha presidencial de 2014 e instaura-se um saber que reforça e legitima o dizer

sobre a violência na campanha política presidencial, especialmente em um ano em que esse saber passa a circular e ecoar mais fortemente pelas redes sociais além dos próprios programas dos candidatos no HGPE. Esse saber legitimado estará na base de um entrecruzamento de dizeres agressivos que se dispersarão velozmente pelas redes sociais e ecoarão novamente no discurso político – um movimento cíclico que se (re)atualiza incessantemente, até a data do pleito.

Entretenimento televisivo para espectadores noturnos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTING, H. (2001) **Pour une anthropologie des images.** Traduit de l'allemand par Jean Torrent. Paris: Éditions Gallimard, 2004.

BRASIL. **Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997.** Disponível em http://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral-anotado/legislacao-eleitoral-e-partidaria acesso em 05 de janeiro de 2015.

COULOMB-GULLY, Marlene. Réthorique télévisuelle et esthétisation politique: le corps (en) politique. In: BONNAFOUS, Simone et al. (Dir.) **Argumentation et discours politique.** Rennes: Press Universitaires de Rennes, 2003. p. 121- 130.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. [1981] Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009a.

COURTINE, Jean-Jacques. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, Vanice, GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Análise do discurso:** heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2009b. p. 11-20.

FOUCAULT, M. [1986] **Arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

KARNAL, L. **O ódio no Brasil.** CPFLCultura, 2011. Palestra. Disponível em http://vimeo.com/29536632 acesso em 05 de janeiro de 2015.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Letras/Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, mestrado e doutorado (com estágio de 6 meses na Université de Toulouse-Le Mirail/França) em Linguística pela mesma instituição. Atualmente, é docente permanente do programa de pós-graduação em Linguística da Universidade de Franca/SP – UNIFRAN.